

na Patagônia

deslocando o eixo

Após duas décadas de turbulenta vida nacional, o que se pode prever para a Argentina neste final de século? Como os demais países latino-americanos ela está atravessando um período difícil, exigindo urgentes medidas para sanar problemas, diminuindo diferenças em relação aos países desenvolvidos.

Deslocar o eixo de desenvolvimento para o Sul do país com a transferência de sua capital é uma das medidas propostas pelo novo governo democrático, já encaminhada ao Congresso.

Laila Y. Massuh conversou com os integrantes da comissão encarregada do Plano Piloto: arquitetos José Luis Bacigalupo, Francisco Garcia Vázquez — presidente da Sociedade Central de Arquitetos — e Jorge Osvaldo Riopedre, que falam sobre a viabilidade do projeto ainda em fase de preparação.

A idéia da mudança da Capital foi bem aceita pela população, embora discutida em alguns Estados que disputavam a sua localização. E, como não podia deixar de ser, criticada por algumas entidades pelos gastos que implicará num momento que há outras prioridades como o déficit habitacional, escolar e de saúde. Há ainda os que vêem nela apenas uma jogada política do governo e do Partido Radical, transformando-a em alvo da oposição.

Na verdade, não é o desenvolvimento patagônico que está sendo questionado, mas a ótica com que o governo encara esse projeto.

As razões para a mudança têm alguns pontos em comum com a criação de Brasília, ou seja, ocupar e desenvolver uma vasta região despovoadas em relação ao restante do país. E também cumprir com a democratização política, descentralizando o poder demasiadamente concentrado na região mais rica e populosa da Argentina, fato que gera desigualdades dentro do próprio território. Ninguém duvida dos inconvenientes que representam para o restante do país a capital permanecer em Buenos Aires, com seus 12 milhões de habitantes, reunindo as principais indústrias, o maior porto, a maior renda.



Bacigalupo, Garcia Vázquez (ao centro) e Riopedre

Existe a consciência de que a Patagônia está totalmente deserta e necessita ser recuperada. Durante o encontro com os autores do plano, Brasília esteve sempre presente, embora não seja intenção dos argentinos fazer uma cidade custosa, tão moderna e imaginativa quanto a brasileira.

muito verde

Para Riopedre, o que se pretende é construir uma cidade destes, de acordo com a situação econômica atual do país, não apenas humana com muitos espaços verdes. "Não se trata de uma cidade como Brasília, apenas pretendemos uma capital mais realista com uma universidade média e uma boa universidade que prepare o país para o século XXI."

A nova capital deverá se localizar às margens do rio Negro, numa área de 4.500 km², extensão suficiente para evitar extravasamento em caso de

Unir as cidades de Viedma e Carmem de Patagones, ambas às margens do rio Negro, aproveitando a infra-estrutura existente: aeroportos, pontes, estradas e todos os outros serviços. "O que significará economia de custos, ao contrário de Brasília que surgiu numa região totalmente deserta e teve que criar tudo".

novo pique

A mudança da capital implica também uma decisão de mudar a fisionomia espacial e demográfica da Argentina. A Patagônia compreende dez estados, totalizando 30% da superfície do país e com apenas 700 mil habitantes. Por isso o arquiteto Garcia Vazquez considera da maior importância revitalizar essa região "ir em direção ao Sul e ao mar, ocupando áreas ricas e totalmente esquecidas. A pesca, a agricultura, a mineração e o turismo são possibilidades que estão desaproveitadas na região. O ideal do governo assumir diretamente esse projeto de desenvolvimento da Patagônia transferindo-se para lá. Vemos nisso um papel importante para o futuro dos jovens, um fator positivo deflagrador de esperança".

Outro aspecto de grande significado geopolítico levantado pelos autores do projeto: a mudança da capital permitirá maior vinculação com o Atlântico e o Pacífico, bem como maior proximidade com a Antártica e ilhas do Atlântico Sul.

Existe ainda uma clara intenção de modernizar a administração pública. Prevê-se uma mudança de mentalidade por parte dos funcionários, um maior sentido de responsabilidade, além da redução e renovação de seu pessoal.

projeto aberto

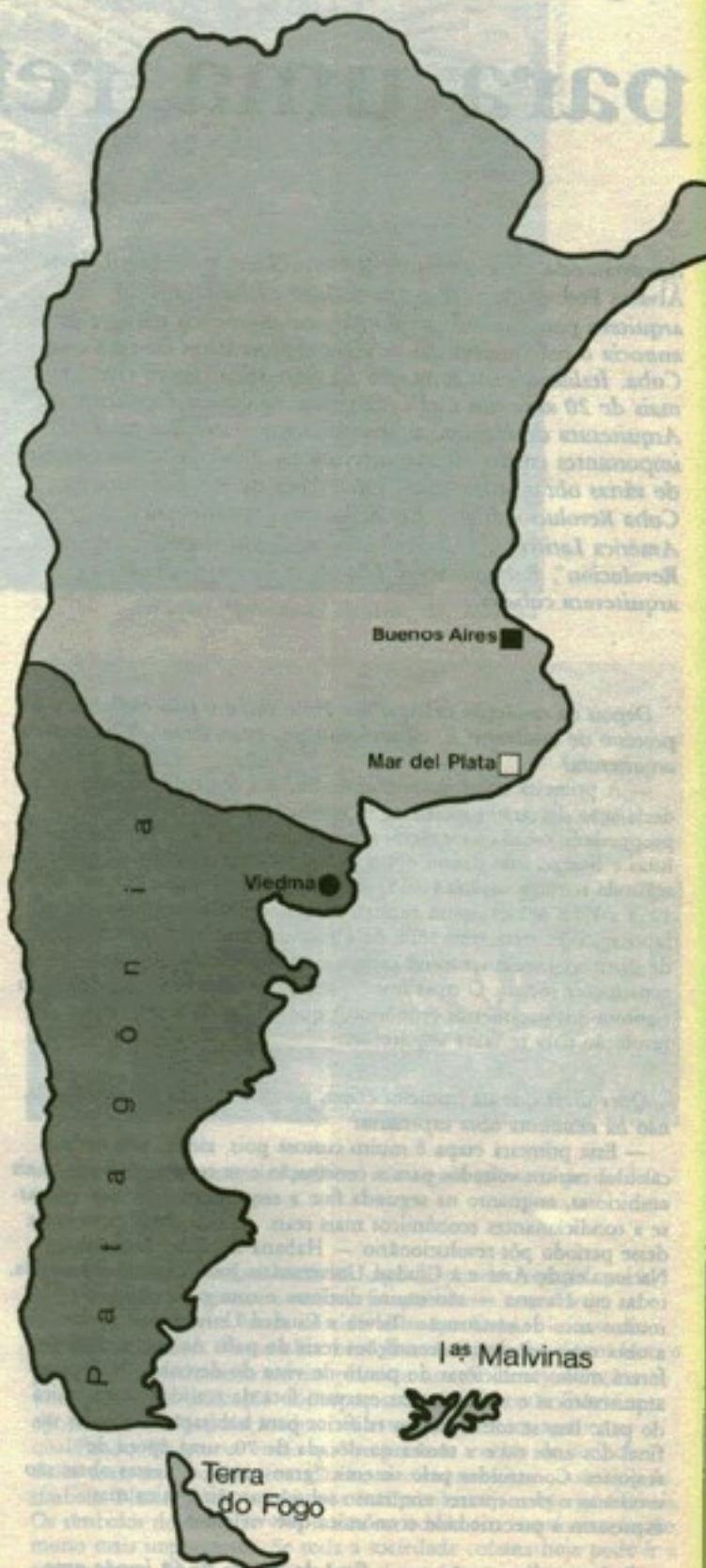
Não se definiu ainda o tamanho da nova Capital, nem se projetou o número de habitantes. Tudo isso está sendo estudado pela Comissão. O arquiteto José Bacigalupo destaca os levantamentos que estão em andamento sobre as necessidades básicas da futura capital, já que a região é rica de recursos naturais e ecológicos, contando com praias bonitas, reservas de animais, áreas para esporte de inverno e, principalmente, matos.

Os edifícios administrativos serão submetidos à concorrência pública e as demais obras de urbanização ficarão a cargo da iniciativa privada.

Além disso terá uma parcela menor na investido de capitais, acrescenta Bacigalupo e para isso o governo nomeou outra comissão encarregada dos estudos de desenvolvimento. "A mudança vai concretizar também uma aspiração dos argentinos que é o Federalismo, algo que só um governo democrático pode realizar", enfatiza ele.

olhar pra frente

Otimismo, esperança, projetos, mais trabalho para os jovens, modernização e racionalização da administração pública, um novo pólo de desenvolvimento são, em síntese, os motivos do projeto de mudança a Viedma. Mas talvez se possa pensar em outra razão simbólica: um lugar mais adequado para se governar, longe das praças públicas desgastadas nos últimos anos a ponto de terem se tornado símbolo de governos autoritários e repressivos, cuja lembrança a Nação tenta esquecer.



em Viedma, a nova capital